



Atualidades ancestrais: olhos d'água e seus veios

Actualidades ancestrales: ojos de agua y sus veneros

E4_01 - Rastros/Traços: metodologias para estudar o urbano no Antropoceno

Arthur Simões Caetano Cabral

FAAC-UNESP, Brasil

arthur.cabral@unesp.br

Resumo: Intermitente ou perene, chama-se olho d'água, em hidrologia, todo ponto de afloramento natural do lençol freático. Embora corrente no meio científico, o uso do termo pode deixar escapar os sentidos de ser e o alcance cosmológico de olhos d'água e seus veios capilares. Como mote a um revigoramento de conceitos e imagens no Antropoceno, caberia a princípio indagar a associação de um fenômeno próprio da Terra ao órgão do corpo de seres humanos e não humanos pelo qual é dado contemplá-la. Se a água desempenha um papel inesperado na imaginação da visão generalizada, conforme estudos de Gaston Bachelard dedicados ao tema, nos fluxos contínuos entre o ver e o visível a água não seria senão o olhar da Terra, a nos fazer olhar de volta. As águas afloram, ainda que seus cursos se vejam muitas vezes desfigurados ou reduzidos a tubos emaranhados a outras redes no subsolo de médias e grandes cidades brasileiras. A atualidade de olhos e veios d'água imiscuídos no meio urbano, ora expostos, ora reduzidos a vestígios semienterrados, constitui o tema deste artigo. Discute-se fundamentalmente resultados de estudos de campo realizados em bairros de urbanização recente e ainda incompleta, situados na margem esquerda do ribeirão Bauru, na cidade de mesmo nome. A oscilação de ladeiras, dadas as condições topográficas, torna suspeita a existência de veios d'água em seu atrito ancestral. Somam-se as contingências do traçado urbano ali instalado, que nos levaram a realizar caminhadas entre ruas sem saída, encerradas diante de fragmentos de mata, trilheiros informais e jardins cultivados à beira d'água. Entre bueiros entreabertos e cachoeiras improváveis, por meio de reflexões oriundas do olhar e do corpo em contato imediato com as águas, a proposta procura favorecer o reconhecimento sensível de sua existência e de suas implicações em tramas de vida subjacentes às cidades.

Palavras-chave: imaginação; água; experiência sensível; vestígios; tramas de vida.

Resumen: Intermitente o perenne, en hidrología se denomina ojo de agua cualquier afloramiento natural del nivel freático. Aunque corriente en el ámbito científico, el uso del término puede dejar escapar los sentidos de ser y el alcance cosmológico de los ojos de agua y sus venas capilares. Como motivo para un revitalizamiento de conceptos

e imágenes en el Antropoceno, cabría en principio indagar la asociación de un fenómeno propio de la Tierra con el órgano del cuerpo de seres humanos y no humanos mediante el cual se le contempla. Si el agua desempeña un papel inesperado en la imaginación de la visión generalizada, según los estudios de Bachelard dedicados al tema, en los flujos continuos entre el ver y lo visible el agua no sería sino la mirada de la Tierra, haciéndonos mirar de vuelta. Las aguas afloran, aunque sus cursos se vean muchas veces desfigurados en tubos enmarañados con otras redes en el subsuelo de ciudades medianas y grandes de Brasil. La actualidad de ojos y venas de agua mezclados en el medio urbano, ora expuestos, ora reducidos a vestigios semienterrados, constituye el tema de esta propuesta. Se discuten fundamentalmente resultados de estudios de campo realizados en barrios de urbanización reciente y aún incompleta, situados en la margen izquierda del arroyo Bauru, en la ciudad homónima. La oscilación de laderas, dadas las condiciones topográficas, vuelve sospechosa la existencia de venas de agua en su roce ancestral. Entre alcantarillas entreabiertas y cascadas improbables, mediante reflexiones originadas en la mirada y en el cuerpo en contacto inmediato con las aguas, la propuesta busca favorecer el reconocimiento sensible de su existencia y de sus implicaciones en tramas de vida subyacentes a las ciudades.

Palabras-clave: *imaginación; agua; experiencia sensible; vestigios; tramas de vida.*

As fórmulas “ser-no-mundo”, “o ser do Mundo” são excessivamente majestosas para mim: não consigo vivê-las. Fico mais à vontade nos mundos da miniatura [...]. Vivendo-os, sinto partir do meu ser sonhador ondas mundificadoras (Bachelard, 2008, p. 168).

A incidência de *rastros/traços* em metodologias para estudar o urbano no Antropoceno, tema a que se volta este simpósio, põe em questão o descompasso das atitudes humanas hoje tomadas frente aos distúrbios que delas decorrem. O alcance geológico dessas interferências nos coloca no limiar de uma era em que o protagonismo humano começa a recuar diante dos impactos severamente imputados às condições que tornam a vida habitável (Reyes; Michael Hennrich; Bartalini, 2024). Este recuo se dirige também a visões de mundo ou cosmovisões pretensamente suprimidas pela modernidade: observamos a erosão da diversidade de culturas e formas de existência; sufocamos nosso próprio direito de sonhar entre espaços meticulosamente esquadrinhados e agora sentimos falta de mundos.

A manutenção dos padrões hegemônicos de produção e consumo não vê saída, em que pese toda a aceleração em prol do desenvolvimento de dispositivos cada vez mais eficientes. O que herdamos em séculos do pensamento tecnocientífico não tarda a mostrar sua insuficiência à medida que perdemos a capacidade de reconhecer a nós mesmos como viventes, entre outros seres, “de um mundo em contínuo nascimento” (Ingold, 2013, p. 22). A desatenção às transformações em curso seria simétrica ao esvaziamento da existência humana em sua relação indissociável com a Terra – ora abstraída em dados estatísticos os mais alarmantes, ora negligenciada ante outras demandas da produção do espaço. O aparente vazio no plano do sensível a que se expõem de modo quase estéril as pautas ambientais mais urgentes do planeta seria sintoma de um adoecimento mais profundo.

Jean-Philippe Pierron (2012, p. 12), em sua leitura bachelardiana do célebre conto *O homem que plantava árvores*, de Jean Giono, posiciona um alerta: “Para falar da crise ecológica atual e para pensar as relações com a natureza, acabamos sempre por tomar emprestada uma formulação espacializante – o homem teria se afastado da natureza e deveria aprender a viver próximo a ela”. Enquanto isso, estaríamos diante de Gaia, como sugere Bruno Latour (2020), a fim de revisar a tábula rasa em que tantos conceitos e ideias de “natureza” teriam sido nivelados pela modernidade. Ao invés de se ver como um ser de excepcional protagonismo, por isso apartado de toda a matéria da Terra, “não seria o caso de o homem compreender-se como sendo da natureza, intensificando nosso modo de presença em relação a ela pelo viés de conectores imaginais que são rastreados e trabalhados pelos poetas?” (Pierron, 2012, p. 12). Procuramos detectar conectores imaginais desta ordem em pequenas manifestações das águas que se insinuam à atualidade das cidades.

Tratamos aqui de uma existência cotidiana, em que um profundo senso ambiental, finalmente, ofereceria uma correspondência sensível a todo o discurso da *deep ecology*. Evitando os riscos de enraizamentos fugazes, apostamos numa meditação sobre a experiência imediata da prosa do mundo. Não trataremos aqui de situações excepcionalmente notáveis por seus valores paisagísticos, mas da possibilidade de reconhecimento por vias imaginais e sensíveis de paisagens latentes ao olhar corriqueiro. A fim de revirar mais a fundo os imaginários (Durand, 2012),

especialmente aqueles atinentes a *várzeas urbanas*¹, visitamos lugares em que as cidades comumente se defrontam com o nascimento e o fluxo de corpos d'água. O material empírico apresentado neste artigo, advindo fundamentalmente de pesquisa de campo, procura recuperar certos instantes de *escape* para a paisagem², atinentes à

descoberta dos pontos de articulação familiares pelos quais nosso ser, que se faz carne com a carne do mundo, nele encontre manifestações familiares. Essas diversas “ondas mundificadoras” dão uma presença e uma consistência, por dilatação concêntrica, ao nosso “ser de” um território e de um “país” [...]. Essa poética guarda igualmente distância de uma natureza desubjetivada, naturalizada numa natureza-laboratório que, para ser conhecida, bane os investimentos afetivos e sensíveis em prol de uma abordagem anti-intuitiva – o átomo da microfísica, a molécula da química orgânica, a taxonomia do botânico [...]. A poética cultiva deliberadamente uma parcialidade que vai a contrapé da imparcialidade buscada pelo conhecimento objetivo (Pierron, 2012, p. 17).

Se a realidade geográfica, nos termos de Eric Dardel, é um traço constitutivo do ser humano igualmente refratário aos esquadrinhamentos do “espaço geométrico”, procuramos aferir as oportunidades que a experiência direta de cursos d'água nas cidades podem oferecer ao reconhecimento de paisagens, ainda que marginalizadas ou propriamente veladas, aqui entendidas não como “um círculo fechado, mas um deslocamento ... [...] uma saída para toda a Terra” (Dardel, 2015, p. 42).

Entre diferentes enfoques, a relevância de rastros e traços no Antropoceno pode ser reconhecida em estudos que se dirigem à condição atual de cursos d'água nas cidades. Seja nas ocasiões em que as operações de desfiguração do sítio resultaram em ocultamentos quase estanques, seja nos casos de córregos que escoam a céu aberto, mas enrustidos entre estruturas urbanas as mais diversas, as águas insistem em nascer e verter em meio às cidades. Às margens das vontades do Capital, em espaços que escapam igualmente indesejados às intenções de controle e programação de usos, procuramos detectar táticas de resistência associadas às imediações de pequenos córregos, cuja ancestralidade se vê atualizada em tramas de vida ainda pouco consideradas no meio urbano.

Trata-se de frestas ou hiatos no desenho ordenado das cidades, onde as intenções oficiais de uso e as funções programáticas se veem desativadas, oferecendo-se potencialmente a paisagens feitas às margens (ou nos poros) do tecido cotidiano. Nosso percurso será conduzido, especificamente, ao longo das bordas de um bairro consolidado, onde um arvoredor exíguo faceia um curso d'água. Não se trata de um parque, mas ruas sem saída que se confundem a quintais e jardins, cultivados entre muros cegos e terrenos baldios. As águas vertentes veem suas margens alongadas numa

¹ O material apresentado é parte dos resultados parciais do projeto de pesquisa “Várzeas Urbanas: resiliência e diversidade em paisagens latentes”, desenvolvido com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 - Faixa B - Grupos Consolidados (processo 405908/2023-7).

² Segundo Jean-François Lyotard, a paisagem pode ser assumida como a experiência sensível daquilo que se encontra aquém de qualquer destinação humana ou da clareza do espírito ou, ainda mais precisamente, como o ato de partir sem ter qualquer destino (Lyotard, 1990, p. 184). Nesse sentido, a paisagem é o contrário de um lugar, se pensarmos que um lugar pode ser habitado ou assumido como um destino de certo deslocamento. A paisagem é não destinada e, embora ela não corresponda a um não-lugar, seu lugar é sempre aberto à potência da indeterminação sobre o determinado.

faixa indesejada de terra rente a baixios de viadutos e ao talude de uma rodovia. Em certos instantes, por ali sonhamos com os pés encharcados.

A perspectiva metodológica adotada apoia-se na compreensão da paisagem como uma experiência refratária aos esforços de representação objetiva, uma experiência *muda*, cuja enunciação demanda a necessidade “de manter o seu segredo, de indicar a sua presença, ou a sua passagem, sem procurar medir essa presença” (Besse, 2014, p. 53). Atentar às águas, mesmo em sua capilaridade quase invisível, implica deslocar o olhar do já dado e funcionalizado para uma disposição sensível e existencial diante do que emerge. Nesse sentido, a imaginação da matéria, conforme elaboração inaugural de Gaston Bachelard (2013), fornece outra via de aproximação: reconhecer-se íntimo das águas a ponto de não as perceber como mero recurso, mas como elemento fluído por excelência; como força poética a mobilizar imagens e transformá-las continuamente. Entre sentir e imaginar, forma e matéria se entrelaçam mutuamente na formação de paisagens e imagens³.

A metáfora do “olho d’água”, ao associar um fenômeno geológico a um órgão da visão, pode oferecer ampliações à compreensão cosmológica das águas no Antropoceno, contanto que se exceda toda conotação estritamente hidrológica do termo. Diante da artificialização antropocênica da superfície terrestre, interessa compreender a quais paisagens o natural, que persiste em atravessar o urbano, pode acenar em espaços indesejados das cidades (Cabral, 2024). Estas reflexões se orientam por rastros e traços, dos quais procura-se extrair subsídios para revisões críticas dos modos pelos quais nos relacionamos com as águas nas cidades do Antropoceno.

Vestígios das águas, vertentes de Gaia

Se a Terra volta a ocupar uma posição de centralidade nos debates contemporâneos, isso não ocorre em um sentido astronômico, mas envolve a existência de instâncias locais, políticas e ecológicas. O termo “Terra”, com efeito, denomina aquilo que no século XVIII se chamava “globo terrestre”, entendido como uma entidade geofísica formada por água e terra. Entretanto, ao invés de partilhada e cultivada em prol de necessidades coletivas, a Terra foi progressivamente privatizada em função de interesses dominantes. O que antes pertencia à dimensão dos bens comuns (Besse; Tiberghien, 2024) transformou-se em propriedade privada destinada à exploração de recursos naturais os mais diversos. Esse processo se vê repetido em diferentes regiões do planeta, ao mesmo tempo em que povos originários igualmente diversos passam a reivindicar legitimamente seus territórios.

Nos últimos anos, vários pensadores reposicionaram a Terra no centro do debate. Para Bruno Latour (2017), ela deixou de ser o “planeta azul” indistintamente observado desde uma posição hipotética do espaço para se tornar o *Terrestre*, um novo ator político⁴. Trata-se, assim, de redescobrir a Terra não mais em extensão, como nos empreendimentos europeus de exploração e

³ “Reconhecerá na água, na substância da água, *um tipo de intimidade*, intimidade bem diferente das que as 'profundezas' do fogo ou da pedra sugerem [...]. Verá que o mobilismo heraclítico é uma filosofia *concreta*, uma filosofia *total*. Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, porque, já em sua profundidade, o ser humano tem o destino da água que corre. A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra” (Bachelard, 2013, pp. 6-7).

⁴ “Se o Terrestre deixou de ser o plano de fundo da ação humana, é porque ele *participa* dela. O espaço não é mais o da cartografia, com seus quadriculados de longitudes e latitudes. Ele se tornou uma história agitada da qual nós somos meros participantes entre outros, os quais, por sua vez, reagem a outras reações. Parece que estamos aterrissando em plena geo-história” (Latour, 2017, pp. 53-54).

conquista do Renascimento, mas em profundidade, isto é, reconhecendo os agentes da Terra e sua capacidade de agir por si mesma, e não apenas como reação a forças externas.

Estudos consistentes elaborados nas duas últimas décadas sugerem que não seria cabível atribuir ao ser humano o papel de controle irrestrito sobre os rumos da Terra. Caberia a uma entidade imprevisível e imensurável, de nome ancestral Gaia, reordená-los segundo seus modos. Se a *natureza* não é um dado absoluto, mas um conjunto de construções sociais de que resultam historicamente múltiplas “naturezas”, a existência dos múltiplos seres do mundo não poderia se reduzir a qualquer conceito transcendente e unificado, apartado da cultura. Como realidade que se nos apresenta, nos termos de Bruno Latour,

Gaia não é a natureza virgem. Não é a deusa-mãe. Ela não é mãe de coisa nenhuma. Não é sequer um todo, um existente global. É simplesmente a consequência das sucessivas invenções dos viventes que acabaram transformando completamente as condições físico-químicas da terra geológica inicial (Latour, 2020, p. 10).

Gaia não equivale à concepção de uma natureza estratificada, universal ou absoluta – e por isso mesmo *desanimada* –, da qual teríamos nos distanciado. Não se trata de reconciliações, Gaia não é uma mãe. Cada elemento constitutivo dos rios e dos mares, do solo e do ar hoje existe sob a evidência “de modificações, criações e invenções de organismos vivos. Gaia são todos os seres vivos e as transformações materiais que eles submeteram à geologia, desviando a energia do sol para benefício próprio” (Latour, 2020, p. 11). Com Gaia, o caráter político do gesto humano ganha evidência cosmológica e antropocênica: o planeta não é um recurso, mas um ser-terra que reage, que força a repensar e reunir, coletivamente, ciência, filosofia e democracia. Se recorrermos aos termos de Isabelle Stengers (2015, p. 30), veremos que não se trata de pensar qualquer pertencimento, mas a *intrusão* de Gaia.

Antes de tudo, Gaia nos lembra “nessa rede, nessas trajetórias de seres vivos, que alguns desses viventes [...] encontram-se irreversivelmente emaranhados”, inclusive aqueles “que se proclamam humanos, ou seja, pessoas feitas de terra, de húmus, de lama e de cinzas” (Latour, 2020, p. 11). Não se trata de uma figura harmônica de que teríamos nos distanciado e em relação à qual as sociedades procurariam modos de reaproximação. Gaia denominaria, simplesmente, “todas as consequências entrelaçadas e imprevisíveis das potências de agir, cada uma das quais persegue o próprio interesse manipulando o próprio ambiente” (Latour, 2020, p. 228). Ao ser humano não é mais concedido enxergar-se como filho privilegiado de uma mãe benevolente. Toda condição de sobrevivência depende, hoje, de uma participação atenta da humanidade em relação às condições de vida que fazem da Terra o único planeta habitável que conhecemos.

Desde seu surgimento no pensamento ocidental de matriz eurocêntrica, entendido como um dos eventos que marcariam o início da modernidade, o conceito de paisagem tem sido abordado em distintas áreas do conhecimento, assumindo significados e enfoques variados. No âmbito das ciências modernas, o termo é frequentemente compreendido como um conjunto de elementos da realidade passíveis de mensuração objetiva, de quantificação e de análise sistemática. Nesse contexto, a paisagem é estudada por meio de instrumentos cartográficos, estatísticos ou de outras metodologias que permitiriam esquadriñar suas características físicas, topográficas e ambientais de forma precisa, reduzindo sua complexidade a dados observáveis e verificáveis.

Por outras vias, a paisagem antecederia a formulação do próprio conceito (Berque, 2023), uma vez atinada à experiência de um meio vivenciado em relações de reciprocidade. Nesse sentido, a paisagem implica uma atenção sensível aos modos de ser no mundo, exigindo uma vivência encarnada que reconheça a presença e a agência de todos os seres e elementos que animam um ambiente – humanos e não humanos (Tsing, 2021). A paisagem, assim, não se limita a representações factuais e escapa irredutível à mera localização de objetos no espaço; ela é expressão de um mundo comum, um tecido de experiências compartilhadas em que os seres se coimplicam mutuamente, atravessando dimensões sensíveis, afetivas e materiais. Dessa forma, todo o rigor científico interessado em compreender a paisagem exige, ao mesmo tempo, uma abertura à experiência de fenômenos os mais sutis, em que se concentram a vitalidade e a densidade dos lugares, a fim de reconhecer mais a fundo suas memórias e emergências.

Se a ideia de paisagem admite acepções muito diversas, quando entendida como encontro sensível com o mundo, recorrendo aos termos de Jean-Marc Besse (2018, p. 47) veremos que “a paisagem é primeiro vivida e depois, talvez, falada, sendo que a palavra procura, aqui, sobretudo prolongar a vida, ou melhor, o vivo que faz da paisagem uma experiência”. Em seu momento inicial, no ato que a origina e que a mantém em vigência, a paisagem é uma experiência muda. Ela se dá num meio comum, no qual é possibilitada a saída do sujeito para além de sua subjetividade no que ele se permite ir ao encontro da realidade concreta da Terra, com este outro que na paisagem se destitui, também, de sua objetividade. Na experiência da paisagem, a vida subjetiva se dá na beira das coisas (Idem, p. 49), num meio que não se identifica inteiramente nem com a vida interior ou com a subjetividade pessoal nem com a realidade concreta ou com a objetividade das existências que nos rodeiam.

As interferências mútuas entre percepção sensível e imaginação poética, no trânsito operado pelas imagens desde as camadas profundas do inconsciente à superfície em que se formam as imagens, permitem aludir à liminaridade inerente ao ser humano e, mais especificamente, ao fazer poético. Procuramos aí uma entrada possível ao reconhecimento de paisagens latentes, onde o ser humano, instalado em sua finitude, pode reconhecer-se intimamente ligado ao meio que habita. A partir de indícios de cursos d’água, investigamos imagens nas quais pode se concentrar a possibilidade que temos de encontro, em geral solitário, sempre íntimo, com a imensidão a que se abre o mundo e que também “está em nós [...]”. A imensidão é uma das características do devaneio tranquilo” (Bachelard, 2008, p. 190).

Intrusões de um veio d’água em Bauru, SP

Sonha-se antes de contemplar. Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho. [...] Mas a paisagem onírica não é um quadro que se povoa de impressões, é uma matéria que pulula (Bachelard, 2013, p. 5).

Se afastarmos hipoteticamente o olhar, recorrendo a imagens aéreas, localizaremos a cidade de Bauru nos limites ocidentais da Bacia Hidrográfica do Tietê-Jacaré. Escapariam da vista, contudo, as nascentes de córregos capilares que vertem em direção ao Ribeirão Bauru. Essas águas despejam, mais à frente, no Ribeirão Grande, que por sua vez deságua no Rio Tietê à altura de Boracéia. Depois de perfazer uma imensa curva, o Tietê se lança no Rio Paraná na Área de Proteção Ambiental (APA) de Ibitinga, na divisa com o Mato Grosso do Sul.

Os caminhos das águas que hoje reconhecemos e cartografamos nem sempre desenharam as mesmas formas, se considerados na temporalidade insondável da existência terrestre. Nas dobras inscritas pelas formações geomorfológicas, os terrenos arenosos onde se vê implantada a cidade de Bauru resultariam de sucessivas sedimentações iniciadas quando o continente ancestral de Gondwana se fragmentava, no alvorecer do período cretáceo. Desse acontecimento restou como cicatriz o próprio Rio Paraná, cujo curso se orientaria para o recém-aberto Atlântico Sul. Diante da resistência oferecida por grãos de quartzo, arenitos e argilominerais, as águas que emergem no território bauruense raramente desenhavam meandros, ainda que provoquem com frequência incisões e acidentes erosivos em suas margens (Ab'Saber, 1956).

A configuração geomorfológica e a compleição ambiental do Planalto Ocidental Paulista, cotejadas aos modos como a urbanização se processa nas diversas cidades da região, corroboram a ocorrência de espaços residuais adjacentes a fundos de vale. Sem destinação precisa, as imediações desses veios d'água são frequentadas e por vezes cultivadas segundo práticas não programadas. Trata-se de zonas úmidas, habitadas por seres não tolerados em outros lugares das cidades. Entre loteamentos recentes, antigas estradas e chácaras remanescentes, os contornos entre o urbano e o não-urbano tornam-se difusos: revelam-se inconclusos na persistência das águas, ainda que desviadas e parcialmente desfiguradas, mas ainda expressiva em suas aparições. Em terrenos que escapam aos esforços de controle e ordenamento, especialmente aqueles que as águas encharcam continuamente em meio às cidades, em suas mais diversas feições, procuramos reconhecer paisagens a partir da intrusão elementar de olhos d'água.

As sutis variações no relevo do Planalto Ocidental Paulista favoreceram a implantação recorrente de traçados reticulares nos planos iniciais de urbanização de diferentes cidades da região. Contudo, a ausência de plena integração entre esse esquema, os cursos d'água e as estradas de ferro instaladas desde o século XIX, acompanhando muitas vezes o desenho das cotas de inundação no limite de terraços fluviais, gerou variações na regularidade geométrica das cidades. Os afluentes principais do Ribeirão Bauru correspondem aos antigos limites das fazendas cujo parcelamento daria origem aos bairros da cidade (Constantino, 2005). No perímetro urbano de Bauru, as águas se dividem em onze sub-bacias segundo um padrão de drenagem pouco ramificado (figura 1). Pressupomos, contudo, a existência de nascentes e veios d'água silenciados pela urbanização e ausentes das cartografias, ainda a reconhecer na cidade. É preciso palmilhá-los, corpo a corpo, a fim de detectar suas infiltrações.

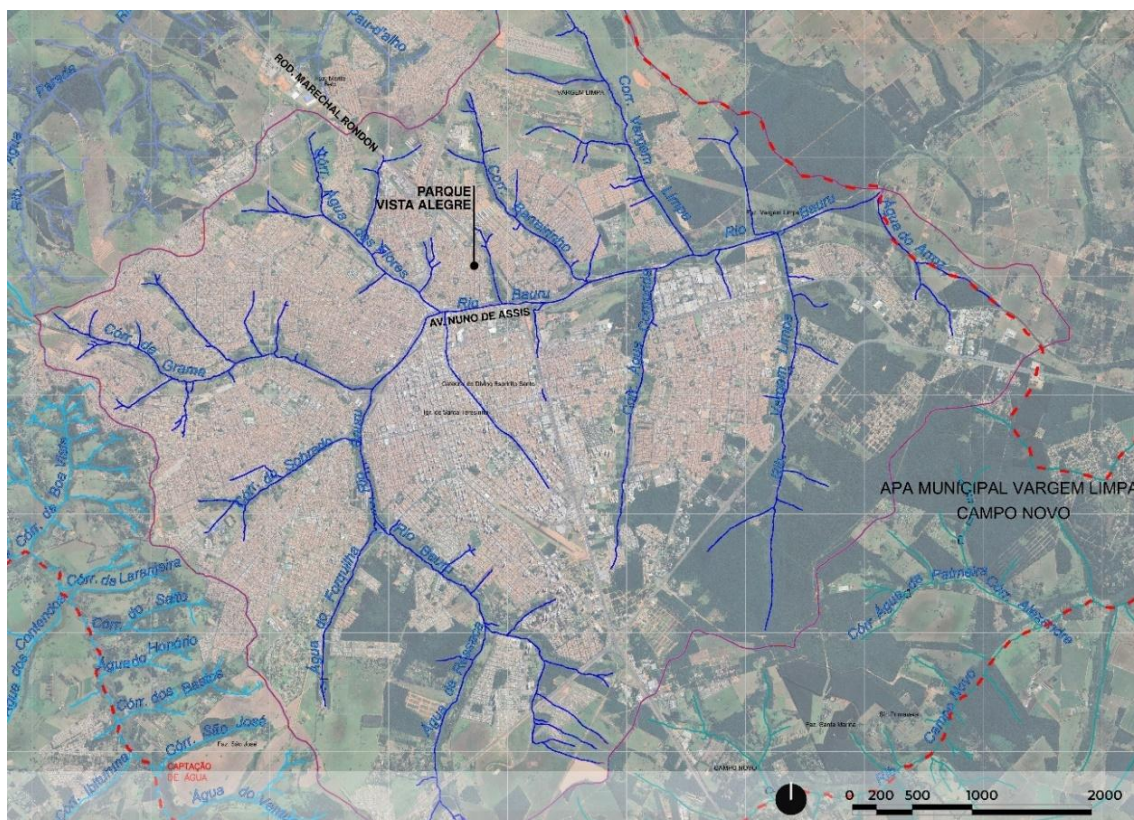


Figura 01: Bacia hidrográfica do Ribeirão Bauru. Fonte: Macrodrenagem de Bauru, SEPLAN; Imagem de Satélite, Google Earth, editado pelo autor, 2025.

Com os pés de volta ao chão, caminhamos pela Avenida Nuno de Assis, à altura do bairro Parque Vista Alegre. Um arvoredado, de repente, interrompe a sequência de oficinas mecânicas, postos de combustíveis e concessionárias automotivas que por ali predominam. Entalado, nesse trecho, em um canal de concreto no canteiro da avenida marginal, o Ribeirão Bauru tem seu rolar abafado pelo ruído dos motores. Quem se arrisca à travessia entre os automóveis encontra um rio de águas vagarosas a desbastar bancos de areia e detritos sedimentados, pouco a pouco, desenhando meandros improváveis sobre o leito concretado. Ali encontramos indícios de sua atualidade enrustida em meio à cidade.

Pelas janelas dos automóveis em deslocamento não é mais que um borrão esverdeado o arvoredado adjacente ao Parque Vista Alegre. O fragmento de mata não é grande nem se destaca por excepcionais botânicas. Ainda assim, quem caminha a passos lentos pode ali encontrar ocasião para devaneios à meia sombra junto a águas correntes. A planura do terreno se estende indefinidamente. A estiagem prolongada do mês de agosto faz acumular espessas camadas de serrapilheira em meio a uma atmosfera poeirenta. Os pés desaparecem a cada passo em meio à matéria retida no estalar de gravetos, folhas secas e vagens de leucenas (*Leucaena leucocephala*), de que se constitui predominantemente o pequeno bosque.

O olhar não alcança o fim do arvoredado, pois a vista se fecha pela proximidade dos troncos e lianas enroscadas à altura dos olhos. O chão crepita sob nossos passos. Nenhum sopro refresca o rosto, nada interrompe a quietude da vegetação imóvel. Tampouco o rumor dos motores, já esquecido à distância, consegue atravessar a calma densa do instante. De súbito, marcas de uma fogueira e objetos deixados denunciam um acampamento provisório da noite anterior numa clareira discreta.

Poucos metros adiante, capins diversos se destacam em altura e delimitam um longo corredor. A poeira acumulada se converte em poças reluzentes. Nesgas de céu aparecem entre os ramos mais afastados e uma fenda de repente expõe o terreno rasgado entre as raízes (figura 2). Paredes de concreto paralelamente aprumadas detêm as águas, impedindo-as de prosseguir seu entalhe ancestral da terra. Degraus geométricos se encarregam de encachoeirar a corrente. Da escadaria hidráulica a jusante, o Córrego Madureira⁵ escoia caudaloso poucos metros acima de seu despejo no Ribeirão Bauru. No sentido oposto, uma abertura no arvoredor deixa entrever uma encosta suave, por onde a caminhada prossegue.



Figura 02: Imedições da foz do Córrego Madureira. Fonte: o autor, agosto de 2025.

O loteamento do Parque Vista Alegre encontra as margens do Córrego Madureira no fim de ruas sem saída. Algumas delas, como a Alameda das Azaleias, prolongam-se em passagens abertas de modo informal, ainda sem pavimentação, criando atalhos que se sucedem contíguos ao curso d'água. Manilhas de concreto abandonadas à espera de uso denunciam a iminência de obras de canalização. Enquanto isso, o caminho das chuvas se inscreve em sulcos na terra batida, cruzando transversalmente o trilheiro.

Aos poucos, o arvoredor se adensa e diversifica, configurando um fragmento de bosque ciliar de razoável heterogeneidade. Na borda da mata, arbustos variados se misturam às hortaliças cultivadas nos quintais. Galinhas voejam atrás das casas, enquanto um gato se espreguiça à sombra numa roça de abóboras. Mamoeiros e frutíferas diversas brotam dentro e fora dos quintais, dissolvendo-se os limites que os separam do arvoredor. Pontuado aqui e ali pelo vermelho vivo

⁵ Em que pese o fato de ser um afluente direto, não há registro de sua denominação nas bases consultadas, notadamente o Mapa de Bacias Hidrográficas do Diagnóstico Ambiental e dos Recursos Hídricos do Município de Bauru e o Plano de Macrodrenagem da Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Bauru, o que é uma condição comum entre os subafluentes do Ribeirão Bauru. Foi por meio de diálogos informais com moradores do bairro que tomamos conhecimento de seu nome.

das mamoneiras (*Ricinus communis*), o pequeno bosque vela a intimidade das águas. Entre a Alameda das Primaveras e a Alameda dos Cravos, um pomar cultivado por iniciativa de moradores anuncia um recanto especialmente dedicado à celebração das águas. Todo o céu vem ali admirar-se refletido na superfície de um pequeno lago delicadamente represado sob as árvores (figura 3).



Figura 03: Céu refletido à superfície do pequeno lago. Fonte: o autor, julho de 2025.

Na quadra a montante, à altura da Alameda das Betônicas, o horizonte se abre de chofre à visão da Rodovia Marechal Rondon, soerguida vários metros acima das cotas da via local. Ao lado das últimas casas, um terreno descampado e sem uso aparente estende-se até os taludes decorrentes da implantação da rodovia. Entre tufos de capins e pés de mamona, um trilheiro improvisado pelo pisoteio denuncia os passos frequentes de quem vai e vem do acostamento.

O desejo de alcançar o curso d'água nos leva a lançar o olhar morro abaixo. A vista do descampado, entretanto, se interrompe abruptamente a jusante: não há sinal do Córrego Madureira ou qualquer vestígio de sua nascente. Eis, então, a estranha possibilidade de descer e subir, de uma margem à outra, sem atravessar rio algum, como se as águas tivessem subitamente desaparecido. Só então percebemos que caminhávamos sobre um aterro, depositado sobre tubos de onde se derramava o pequeno córrego. Foi preciso abrir caminho pelo capinzal e deslizar por um barranco inclinado até encontrá-lo (figura 4).



Figura 04: Tubo de escape e águas vertentes sob rodovia. Fonte: o autor, julho de 2025.

A luz não penetra senão os primeiros palmos da embocadura, faiscando gotículas na penumbra. Mais adiante, dentro da galeria, o olhar nada distingue além do vulto de águas que chegam, entre respingos luminosos de origem incógnita. Como uma gruta guardada por ramos pendentes, o tubo despeja sua corrente diretamente sobre a superfície concretada de um remanso improvável, ao sopé da rodovia, onde vertem águas cristalinas. Sem qualquer anúncio, o Córrego Madureira concentra por um instante todo um mundo em calma provisória, logo antes de escorrer em cachoeiras ligeiras e recolher-se em poças reticentes.

Considerações finais

As reflexões aqui tecidas em torno da experiência relatada procuraram associar elementos da percepção sensível ao afloramento de imagens poéticas mobilizadas por um veio d'água. Registradas em fotografia e texto, essas imagens ganham formas provisórias, inserindo-se num fluxo contínuo de transformações e reavaliações simbólicas pelas quais se formam os imaginários. Em sentido mais amplo, pode-se dizer que as várzeas percorridas fazem aparecer em meio à cidade o embate entre Mundo e Terra, oferecendo oportunidades de reposicionamento da relação entre o humano e o não-humano. Enrustida no meio urbano, a aparência desse embate fundamental pode insinuar-se em rastros e traços de cursos d'água capilares que se imiscuem nas entrelinhas do urbano. Procuramos investigar a própria experiência e o que dela pudemos reter de maneira cotejada às imagens registradas, a fim de tecer aproximações a uma camada inconsciente da cidade.

As marcas da ocupação humana frente ao fluxo incontido que verte desde um olho d'água, uma vez apreciados sensivelmente e imaginados poeticamente, podem favorecer a revisão das posições assumidas pelo humano no Antropoceno. É preciso manter as condições que tornam a “vida habitável” para todos os que Bruno Latour denomina “terrestres”, caso contrário, “não merecemos

continuar vivendo. É essa a escolha que obriga a nos posicionarmos ‘diante de Gaia’” (Latour, 2020, p. 11). A intrusão de Gaia convoca, de partida, uma urgente revisão das relações historicamente estabelecidas entre cidade e água. Sem a pretensão de tematizar aspectos de uma ecologia fundacional, como aquela proposta por Jean Philippe Pierron, reconhecemos as contribuições de uma abordagem atenta às formas mais elementares de coexistência do humano junto a outros tantos terrestres. Uma revisão crítica dos imaginários urbanos (Rozestraten, 2025) pode acompanhar um estudo acerca das possibilidades de fruição da paisagem nas cidades contemporâneas advindas da imaginação poética, mobilizada pelas causas fundamentais da matéria.

Ainda que as águas sejam frequentemente relegadas a avessos desconcertados da cidade, suas imediações tendem a acolher seres e a suscitar paisagens como traços daquilo que é inacabado, incompleto ou inconcluso: as margens barrentas e os bancos de areia, as águas correntes ou retidas, os elementos vegetais, os animais e as pessoas que ali habitam em contínua interação. Na intimidade de fundos de vale, reconhecemos fenômenos relevantes a uma abordagem ecopoética (Pierron, 2012) das imediações de pequenos córregos urbanos. A partir da imagem de olhos d’água e do material produzido em pesquisa de campo, procuramos reconhecer valores existenciais em sentido cósmico dados no contato sensível com as águas, em que o tempo ancestral das formações geológicas se imiscuem na atualidade urbana.

Qual é o significado desta existência (*Existenz*), do mundo infinito existente (*seienden*)? A abertura como uma horizontalidade incompletamente imaginada, representada, mas já implicitamente formada. Abertura da paisagem [...]. Eu não percorri nem aprendi a conhecer o que está no horizonte, mas sei que outros aprenderam a reconhecer um fragmento dele, entre outros fragmentos ainda novos – representação de uma síntese dos campos da experiência real que a representação oferece, mediatamente produzível [...], finalmente, a Terra. Representação da Terra como uma unidade sintética que se estabelece de maneira análoga àquela em que, na experiência interligada e contínua, os campos de experiência dos indivíduos humanos se unem em um único campo de experiência (Husserl, 1989, p. 11, tradução nossa).

Aquilo que Edmund Husserl denominou “mundo vivido” (*Lebenswelt*) ou “mundo da vida” – uma presença do ser no mundo em que o humano se solidariza com o meio –, teria sido desprezado ou até mesmo combatido pela civilização tecnológica. A fenomenologia poética de Gaston Bachelard, por outro lado, nos tornaria atentos a “uma compreensão extensiva e intensiva” do nosso ser no mundo (Pierron, 2012, pp. 11-12). Em sua materialidade elementar, a imagem de um olho d’água concentraria toda a reciprocidade do olhar, entre ver e ser visto. Longe de qualquer formalismo, esta metáfora pode mobilizar, no fluxo incontido das águas, transformações contínuas entre lagos e poças provisórias ao longo de um regato.

Nem átomo, nem gene ou molécula, o elemento não é uma concessão romântica ao subjetivismo, mas revela a dimensão eidética da atividade imaginante. Ele pontua a experiência vivida que pretere a análise causal. Daí ele estar apto a descrever fenomenologicamente um entrelaçamento com a carne do mundo, forma de pertencimento que liga e solidariza o ser humano vivente com todos os seres. Conector imagético, ele é a reverberação interna de uma experiência da Terra, elemento originário de uma gramática graças a qual se pode articular nossa experiência de ser-no-mundo (Pierron, 2012, p. 17).

Escoando entre bordas de bairros, escavando zonas indesejadas das cidades, olhos d'água contemplam atualidades ancestrais, pontos e traços em que o tempo insondável da Terra se entrelaça às contingências da vida cotidiana. Entre ruas sem saída, fundos de quintais, trilhas improvisadas e um lago especialmente cultivado sugerem modos de existência não programados junto às águas. A fim de repensar nossas formas de habitar e reconhecer paisagens no Antropoceno, poderíamos sonhar, a princípio, com os olhos embebedos por olhos d'água.

Referências

AB'SABER, Aziz Nacib. A terra paulista. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 23, p. 5-38, 1956. < biblio.fflch.usp.br/AbSaber_AN_1351128_ATerraPaulista.pdf >.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2013a.

BERQUE, Augustin. **O Pensamento-paisagem**. Trad. Camila Sant'Anna e Vladimir Bartolini. São Paulo: Edusp, 2023.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**. Exercícios de paisagem. Trad. Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BESSE, Jean-Marc; TIBERGHIEN, Gilles. « Sans oublier la terre ». **Les carnets du paysage – Terre**. Versalhes, Actes Sud, École Nationale Supérieure de Paysage, n. 44, p. 6-11, mai. 2024.

CABRAL, Arthur Simões Caetano. **Poéticas da paisagem**. Desvelamento e transcrição nos desvãos das cidades. São Paulo: Editora Unesp, 2024.

CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. **A construção da paisagem de fundos de vale: o caso de Bauru**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HUSSERL, Edmund. **La Terre ne se meut pas**. Paris: Les Editions de Minuit, 1989.

INGOLD, Tim. Repensando o animado, reanimando o pensamento. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10-25, jul./dez. 2013.

LATOUR, Bruno. **Diante de gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. São Paulo: Bazar do Tempo, 2017.



LYOTARD, Jean-François. **O inumano**: considerações sobre o tempo. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

PIERRON, Jean-Philippe. « Poétique de l'arbre et de la forêt. Une lecture bachelardienne de l'œuvre de Jean Giono ». **Altre Modernità**, Milão, p. 11-23, 2012. <https://doi.org/10.13130/2035-7680/2400>. Tradução de Vladimir Bartalini.

REYES, Paulo; MICHAEL HENNRICH, Dirk; BARTALINI, Vladimir. PAISAGENS PÓS-ANTROPOCENO: Quando o imaginário habita o real. **PIXO - Revista de Arquitetura**, Cidade e Contemporaneidade, v. 8, n. 29, p. 10-15, 5 jun. 2024.

ROZESTRATEN, Artur Simões. **Formações dos imaginários urbanos de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2025.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. O antropoceno mais que humano. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176–191, 2021. DOI: 10.5007/2175-8034.2021.e75732. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75732>. Acesso em: 10 set. 2025.